

As memórias do professor Cristovão Tezza

LITERATURA Escritor catarinense lança o romance *O professor*, no qual trabalha a lembrança em um fluxo confuso e esclarecedor

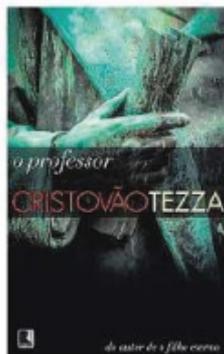
Diogo Guedes
dguedes@jcom.br

Passar a limpo o passado é um dos grandes temas literários. No Brasil, remonta ao menos a Machado de Assis. O olhar do presente ante as lembranças, claro, é sempre rico de possíveis nuances. Em seu novo romance, *O professor* (Record, 240 páginas), o escritor catarinense Cristovão Tezza empreende uma curiosa reavaliação ao assunto, com um fluxo narrativo e de memória que é confuso e esclarecedor ao mesmo tempo.

O livro marca a volta do autor às narrativas longas depois de *Um erro emocional*, de 2010. Tezza é dos mais respeitados escritores de sua geração – em 2008, conseguiu um feito raro, levando todos os três principais prêmios literários brasileiros com *O filho eterno*. O autor traz para *O professor* um ambiente que conhece bem, o das universidades, em que atua antes de se dedicar inteiramente à literatura, com um personagem singular.

Heliseu, protagonista do romance, é um velho acadêmico aposentado, prestes a ser homenageado por seus pares. Como em *Um erro emocional*, o livro se passa no período de poucas horas, entre seu despertar e a ida para a palestra, a literatura aqui transforma um curto intervalo em um modo de comportar um passado nas suas falhas, interrupções e dúvidas. “É claro que não poderia falar da sua vida pessoal (na homenagem), mas a sua vida pessoal atropelava-o em cada curva do pensamento, voltava a ele como um animal desgovernado”, conta o romance. Assim, de forma desgovernada, vida pessoal e carreira – ele é um respeitado nome da filologia, ciência que estuda a origem das palavras – se misturam na narrativa.

“Eu sempre fui o tipo de sujeito que não parece estar em lugar nenhum, uma pessoa sem



ritidez, um sujeito indeciso, um esquisito sem partido, um 'reacionário', como certa vez entrevi naquele mesmo café, “ele nem chega a ser de direita”, reflete o personagem, em dado momento. A beleza do livro é criar nessa figura aparentemente amorfa um homem relativamente perturbado com a própria história (mas não atormentado, o seu incômodo não tem tons excessivamente dramáticos).

Pensamentos, memórias e ação presente se unem no relato, ainda enriquecido com inserções de português arcaico, por exemplo. Tudo poderia ser uma forma complexa demais, difícil de penetrar, não fosse Heliseu uma figura transparente em sua humanidade, distante e próxima do leitor. A homenagem o motiva a ir atrás do “sentido da sua vida”, a definir o passado agora que, sozinho e viúvo, se vê forçado a isso. Assim, mais do que ler um relato convencional da vida de um homem, o que se vê é alguém, no instante atual, tentando apurar e manipular suas próprias lembranças, como se o fluxo caótico da mente reconstruísse de forma particular o que aconteceu cada vez que é acionado.

AMANTE

Para explicar melhor o que consome essas recordações de

Heliseu, é preciso falar um pouco do passado que ele revisita. Primeiro, estão as memórias acadêmicas, que revelam as ironias escutadas por ser um quase conservador ao fim da ditadura e o esquecimento por pertencer a uma área menosprezada dos cursos de letras. Depois, as suas relações amorosas: com a mulher, falecida em um misterioso acidente na sua casa, ponto central do romance; e com a amante, uma francesa que surge como sua ousada orientanda de doutorado. Por fim, analisa a sua relação com o filho, homossexual assumido, que se distanciou do pai porque os dois não se dão bem.

O próprio Heliseu define um pouco o propósito de *O professor*: “Rever o instante exato em que a paixão não teria mais volta, porque as coisas emocionais que nos acontecem sempre têm um ponto de não retorno”. De certa forma, o personagem quer se perdoar em alguma medida: buscar o ponto sem retorno é achar a justificativa final para seus erros, mesmo que não os reconheça completamente.

Uma das riquezas da obra é falar de um passado cheio de culpas sem tornar o personagem um homem imobilizado pelos memórias – Heliseu é crítico e humano, cria um pedestal e desce dele sem querer, na frente do leitor. Da mesma forma, a narrativa vai se contando aos fragmentos, forjando mistérios onde nem sempre há. Quando nota, o público está esperando alguma descoberta repentina, a definição do momento em que o professor se revelará algo cruel ou vítima de si mesmo. Como na boa literatura, a resposta nunca é tão simples ou fácil assim: como o passado, a narrativa sabe ser sadicamente imprecisa e é, justamente por isso, excelente.

● *O professor*, de Cristovão Tezza – Record, 240 páginas, R\$ 32



AUTOR Na narrativa de Tezza, vida pessoal e carreira se misturam “de forma desgovernada”

Trecho

Um animal desgovernado

— Eu tenho de organizar minha cabeça — Heliseu suspirou. Ou ele não conseguiria enfrentar a sua plateia. Os colegas de 40 anos de convivência — uma vida inteira — o importante é o tom — ele voltou a sussurrar. Haverá todo um *ado-aflo* presente, como queria a minha amada Therize, e eu tenho de preenchê-lo com alguma *substância de verdade*: eis uma boa imagem para usar. É claro que não poderia falar de sua vida pessoal, mas a sua vida pessoal atropelava-o em cada curva do pensamento, voltava a ele como um animal desgovernado, ele queria botar a vida pessoal bem longe e falar da beleza do galego-português — essa construção imaginária da história defendida por Queiroz e Teyssier, talvez ele acrescentasse, para dar o seu toque de especialista, embora perdido trovadoresco ou português arcaico me pareçam mais adequados e simples, queridos colegas, soluções elegantes da filologia histórica — mas a minha vida pessoal, senhores, me destruiu, ela não me deu tempo; a Língua Portuguesa teve todo o

tempo do mundo para se transformar no que é hoje, no seu duro caminho de escrever coisas de boa *sustancia civamerte*, *para se bem poder entender*, e *fremoso o mais que poder*, e *curtamente quanto for necessário*, recitou Heliseu diante de sua plateia, como tantas vezes diante dos alunos, *fremoso e curtamente*, o que ele jamais conseguiu, como é difícil, porque a vida pessoal voltava-lhe em dobro para perturbar os sentidos e sequestrar a sua alma verdadeira que nunca teve oportunidade de vir à tona porque a vida pessoal passava por cima dele, e assim ele sobreviveu em círculos, sempre esperando o grande momento em que pudesse escapar da vida pessoal, sublinhou: o Heliseu sorriu — essa é a chave. A prova de que não somos meras entidades biológicas respondendo a nervos e instintos que fazem todo o serviço sujo, tão bem-feito que não nos sobra culpa nem responsabilidade e nem mesmo aquele flapo de dúvida capaz de tirar o prazer de um gole de vinho, aquela pequena fissura moral que jamais sairá do nosso peito.